

PORTUGAL



Fotos Keystone
Pintasilgo: desmitificando a tarefa pública

Mulher e esperança

HELENA SALEM

Um sorriso muito solto, expressivo, os cabelos negros cuidadosamente penteados, vestido de jérsei discreto, mas alegre, colorido, a engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo, 49 anos,

chega atrasada e se desculpa para a entrevista, no terraço do Forte de Catalazete, em Oeiras, a poucos quilômetros de Lisboa (onde se discute a formação de seu gabinete). Ela não tem absolutamente nenhuma daquelas formalidades ou *mises en scène* tradicionais dos primeiros-ministros. E, à minha observação a esse respeito, responde sorrindo: "É que eles se julgam muito importantes..." Ela fala com desenvoltura dos movimentos feministas, da dupla jornada de trabalho, da opressão da mulher, insistindo sempre, porém, que não tem nada contra os homens: "Gosto muito deles".

Profundamente católica, ligada ao movimento leigo Graal, divide há anos, com companheiras desse grupo, um confortável mas simples apartamento em Lisboa. Se bem que, nos últimos três anos e meio, pouco tenha ficado em Portugal, já que residia em Paris como representante de seu país na UNESCO. Diz ter dois vícios, inve-

Esse é o produto que Maria de Lourdes Pintasilgo promete ao país no seu governo de cem dias

terados, nos poucos momentos livres: a literatura, particularmente a poesia, e a música. Pelo Brasil (que nunca visitou) o maior carinho: "É algo de diverso, novo, mais dinâmico que a realidade em que vivemos".

Desde a sua nomeação pelo presidente Ramalho Eanes, no último dia 19, as forças de direita não têm poupado críticas a Pintasilgo, insistindo em que ela é uma reedição "de saias" do "gonçalvismo esquerdista" (1975). Ao que ela responde, tranqüilamente: "Acredito que todas as pessoas devem ter na vida igualdade de oportunidades, qualquer seja o lugar ou família onde nascem. Se alguém chama isso de socialismo, a conclusão não é minha".

Ministra de vários governos provisórios, Maria de Lourdes Pintasilgo foi por diversas vezes cogitada para ocupar o cargo de primeiro-ministro, desde a queda do segundo governo Mário Soares. Mas seu nome acabou sempre sendo preterido por personalidades situadas mais à direita.

A engenheira Pintasilgo, porém, não disporá de muito tempo para realizar coisas. Uma vez aprovado seu governo pela Assembléia da Repú-

blica, esta será dissolvida e a primeira-ministra terá como tarefa preparar eleições intercalares em outubro ou novembro. Depois disso, ela não admite sequer a hipótese de permanecer no Palácio de São Bento. "Arrumo minhas coisas, quem sabe tiro umas férias no Brasil, e volto para o meu posto na UNESCO."

ISTOÉ. Como a senhora vê o fato de ser a primeira mulher a governar Portugal?

Pintasilgo. Espero que, por ser mulher, eu possa introduzir uma certa maneira diferente de viver as coisas políticas. Nós, mulheres movimentamo-nos em tantos círculos, mas estamos habituadas a não sermos importantes em círculo algum. Por outro lado, como sabe, os homens têm necessidade de uma zona em que se sintam importantes. Minha nomeação é, então, uma desmitificação da tarefa pública. Julgo que, no nosso tempo, não só eu, mas muitas outras mulheres pelo mundo afora sabem o que querem e estão a tentar realizar alguma coisa. Não por qualquer conspiração de mulheres no planeta (eu não tenho nada contra os homens), mas porque a corrente dos movimentos femininos contemporâneos é de fato muito forte. Portanto este é um aspecto que me parece fundamental. Depois, considero que o povo português quer uma razão de esperança. E julgo que, como mulher, também me movimento constantemente, face às contrariedades, com esperança. Não tenho que comunicar as dificuldades, o ceticismo, ou mesmo muitas vezes uma atitude puramente negativa. A esperança é-me um elemento determinante enquanto mulher. Finalmente, espero que a minha passagem pelo governo contribua para a luta das mulheres que continuam discriminadas pelo fato de serem mulheres.

ISTOÉ. A senhora julga que poderá encontrar maiores obstáculos para governar pelo fato de ser mulher, sobretudo em um momento tão complicado politicamente?

Pintasilgo. Penso que não. Embora admita que possam surgir algumas dificuldades, que decorrem evidentemente do fato de que nós, os povos latinos, temos um machismo inveterado. Com certeza, à falta de outros argumentos, aparecerá quem utilize o argumento machista. Mas isso não me preocupa demasiadamente.

ISTOÉ. Qual a sua opinião sobre os movimentos feministas?

Pintasilgo. Considero que são movi-

mentos que têm características diferentes. E gostaria de distinguir aquelas das sociedades industrializadas dos das sociedades do Hemisfério Sul ou em vias de industrialização. Nas sociedades industrializadas, os movimentos feministas, com todos os exageros das suas políticas e das suas atitudes, têm tido um comportamento e uma ação muito importantes na vida social, porque têm demonstrado que as estruturas familiares, sociais, de trabalho, tal como estão, não estão certas. É que elas não são apenas desfavoráveis à mulher. São simplesmente desumanas. E julgo que esse é o primeiro balanço positivo dos movimentos feministas no Hemisfério Norte. No Hemisfério Sul, os movimentos feministas têm características diferentes e resultam de que as mulheres com alguma preparação de ordem cultural, ou científica, ou técnica, ou mesmo política, imediatamente são transportadas para posições de grande responsabilidade. No Hemisfério Sul, muito mais que no Hemisfério Norte, as mulheres estão diretamente associadas à construção de sociedades novas. E penso que aí a contribuição delas pode-se ver em toda parte — na América Latina, na África e na Ásia. É uma contribuição extremamente importante, que se sente a cada dia, e julgo que ela vai beneficiar também o Hemisfério Norte.

ISTOÉ. Na sua opinião, a luta pela emancipação da mulher é uma luta específica?

Pintasilgo. Esta é uma velha questão, em que as próprias feministas estão divididas. Eu acho que a luta pela emancipação da mulher é uma luta específica, mas não julgo que ela se possa isolar das outras lutas na sociedade. Qualquer grupo oprimido só pode vencer a sua opressão se ligar as condições em que se encontra com a opressão global sentida na sociedade. Por isso, acredito que os movimentos feministas que se concentram só na emancipação da mulher a longo prazo não vão ter sucesso, porque não é só a emancipação da mulher que é preciso realizar.

ISTOÉ. De que forma a senhora acha que pode contribuir para a superação da crise político-econômica portuguesa, nesse seu breve governo de cem dias?

Pintasilgo. Penso que posso contribuir sobretudo através da criação de um clima de isenção e de honestidade, por um lado, e, por outro, através de um apelo ao dinamismo que existe no povo português, o qual é capaz de se movimentar com mais perseverança e mais clareza do que têm mostrado

certas forças políticas em alguns momentos, nos últimos anos.

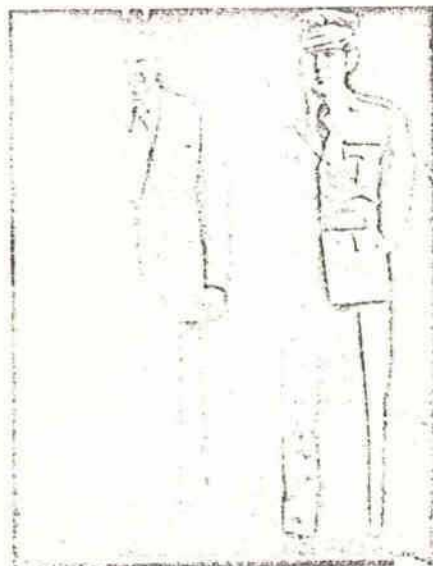
ISTOÉ. Como a senhora analisaria, em poucas palavras, a atual conjuntura política portuguesa? Terá Portugal se tornado ingovernável?

Pintasilgo. É certo que essa instabilidade governativa é muito complicada. Penso, contudo, que não é uma situação impossível, sem saída, de crise definitiva. Não. Penso que é possível definir algumas linhas fundamentais, alguns aspectos da política econômica, nomeadamente na política industrial e agrícola, como no domínio social e cultural. Acredito que é possível também realizar algumas medidas, mesmo a curto prazo. Nós temos até uma abundância de leis que já foram feitas. Basta que essas leis sejam aplicadas.

ISTOÉ. Por falar em leis, a Constituição portuguesa é apontada como uma das mais progressistas e avançadas do mundo ocidental. Mas há setores políticos em Portugal — o CDS e o PSD — que querem a sua reformulação. Qual a sua opinião?

Pintasilgo. Sou a primeira-ministra numa altura da história de Portugal em que existe uma Constituição. É sobre essa Constituição que eu vou trabalhar, e não me compete resolver se ela deve ser revista ou não. Cabe ao povo português decidir. No entanto considero que a nossa Constituição tem de fato aspectos inovadores extremamente interessantes, mas isso não quer dizer que ela seja perfeita. Não há leis perfeitas. Traduz até o confronto de forças diferentes existentes em Portugal.

ISTOÉ. A senhora vislumbra alguma



Soares e Eanes: país ingovernável?

possibilidade de retorno da ditadura em Portugal? Acha que tem havido um avanço da direita nos últimos anos?

Pintasilgo. Acho que não há, de modo algum, vestígios de que alguma ditadura se possa impor em Portugal. As instituições democráticas estão todas a funcionar, todas elas segundo a sua lógica própria, com dificuldades que não nos são próprias, que existem em todas as democracias parlamentares. Estamos a atravessar uma crise de civilização: uma época nova, uma nova etapa em todos os aspectos, e Portugal participa dessa crise. Mas, com a existência das instituições democráticas, que estão funcionando, e com a figura de excepcional isenção, tato político e inteira dedicação ao povo que é o presidente da República, general Ramalho Eanes, eu penso que não há nenhum perigo de ditadura em Portugal.

ISTOÉ. E quanto à afirmação do Centro Democrático Social (CDS) de que o seu governo seria "um neogonçalvismo de saias"?

Pintasilgo. Essa acusação a partir de "ismos" é muito fácil. Possivelmente, isso decorre do fato de eu ter sido ministra, como muitas outras pessoas, de alguns governos de Vasco Gonçalves. Se com isso querem dizer alguma aproximação em termos demagógicos, em termos totalitários, a acusação carece de fundamento. Não tenho nenhum interesse totalitário, é óbvio. E nem me permite a Constituição, assim como o meu temperamento. E tampouco penso que se possa associar a minha maneira de ser, a minha atividade pública, técnica, social, cultural ou política ao que foi considerado o período do "gonçalvismo". Considero essa acusação um dos muitos rótulos que desejam colocar sobre mim, porque eu sou incômoda para alguns setores portugueses neste momento, apareço como incômoda, talvez por falta de informação. Somos um país pequeno, acostumado à tradição oral, e, ao nos vermos de repente com muitos jornais, televisão, dizemos às vezes coisas sem verificar a sua exatidão. Na realidade, julgo que o grupo político a que se referiu (o CDS) — a menos que ele coloque os interesses partidários acima dos do país — terá necessariamente que mudar de opinião.

ISTOÉ. Por que a senhora tem sido incômoda?

Pintasilgo. Porque sou inconformista e porque falo a verdade. E a verdade, como sabe, é sempre muito difícil para aqueles que põem acima de tudo os seus próprios interesses.